

CAPÍTULO 7

VAMOS DAR UMA DE CIENTISTA? ANALISANDO PREDICADORES COMPLEXOS COM VERBOS SUPORTES

Jeane Nunes da Penha

7.1 VAMOS PASSAR POR CIMA DESSAS DÚVIDAS?!

Português, Matemática, História, Geografia, Física, Química... Por que será que, dentre tantas disciplinas, acabamos, por vezes, abominando justamente a Língua Portuguesa? Não conseguimos comunicar-nos perfeitamente do “*bom dia*” até o “*boa noite*”? Então, o que ocorre nesse meio tempo que faz com que percamos o interesse no ensino de nossa língua materna ou julgemos que não sabemos e/ou aprendemos Português? A fim de tentar responder a esses questionamentos, mostraremos, por meio de exemplos de diversos âmbitos do uso, como o Português é envolvente e encantador. Para tal, lançamos mão, ao longo de todo o capítulo, de exemplos de predicadores complexos com verbo suporte seguido de elemento nominal (adjetivo ou substantivo) preposicionado, que ora podem definir uma cena de fingimento (cf. PENHA, 2021), como *dar uma de bom moço*, *fazer(-se) de salame*, *passar(-se) por tont(o/a)*, *posar(-se) de vítima*, *tirar(-se) de difícil* etc., e ora podem expressar formas lexicalizadas (idiomatismos) na nossa língua, tais como *dar de bandeja*, *fazer de gato e sapato*, *passar por cima do meu cadáver*, *tirar de letra* etc.

A partir da análise de tais predicadores complexos, bem como dos diversos espaços (socio)discursivos em que ocorrências deles estão inseridas, dialogamos com Franchi (2006) e Basso; Pires de Oliveira (2012) e propomos pensar a língua como objeto de estudo científico e fruto de um processo conduzido pelo próprio indivíduo. Entenderemos melhor essa ideia mais adiante; por ora, vamos observar o *meme* em (1):

(Ex. 1)



Fonte: <https://images.app.goo.gl/8bnQZmgdePkYbzz89> acesso em 13/10/2021

Se aprendemos que o verbo *DAR* enquanto predicador pleno traduz uma ação de transferência, o que fazemos, então, quando nos deparamos com as formas *dar uma de maluca* e *dá uma de normal* expressas no *meme*? Como o verbo *DAR* se comporta nesses casos? Veremos a seguir.

7.2 PREDICADOR, PREDICAÇÃO, VERBO PLENO E VERBO SUPORTE: TIRANDO DE LETRA ESSES CONCEITOS!

Anteriormente, referimo-nos ao verbo *DAR* como predicador. A relação que ele estabelece com seus complementos é denominada de predicação. Essa relação também pode se dar por meio de perífrases, como naquelas compostas por um verbo suporte combinado a um elemento nominal formando, assim, um predicador complexo, que, por sua vez, se compatibiliza ao espaço verbal de uma estruturação oracional:

(Ex. 2) “Você já se sentiu incomodado com uma pessoa se **fazendo de vítima**? Já se perguntou por que algumas pessoas fazem isso? Pois bem, pensando sobre o tema resolvi enumerar os principais motivos das pessoas **se fazerem de vítima** para os outros.” [Fonte: <https://tudoparahomens.com.br/> acesso em 10/10/2021]

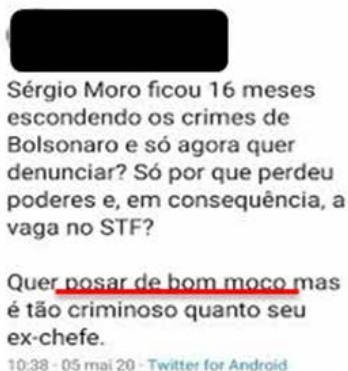
Em (2), verificamos um pequeno texto retirado de um portal com notícias destinadas ao público masculino. Nele, notamos que as formas em destaque *se fazendo de vítima* e *se fazerem de vítima* são formadas pelo verbo suporte FAZER seguido do elemento nominal adjetivo *vítima* preposicionado. Tais formas se associam em termos de estruturação a forma verbal pronominal *vitimizar-se* e, no contexto, podemos interpretar que algumas pessoas têm o hábito de agir de modo a fazer com que os demais sintam sentimento de pena por elas ou pessoas que fazem algo e a fim de não assumirem seus erros querem transmitir a imagem de vitimizados.

Nas Gramáticas Tradicionais (doravante GTs) pouco se fala a respeito de tais perífrases. Ao analisarmos as gramáticas de Cunha; Cintra (2013) e Rocha Lima (2017), verificamos que somente na última faz-se menção a verbos que, adjungidos a nomes equivalem, muitas vezes, a formas simples (ter medo a = temer; fazer guerra a = guerrear) (p. 308). Já na literatura acadêmico-científica, diferentemente das GTs, tais perífrases ganham mais espaço, como observado nos trabalhos de Machado Vieira (2010), em que a autora apresenta aspectos formais e funcionais de perífrases com os verbos suportes DAR, FAZER e TER (dar parabéns = parabenizar; fazer comentário = comentar; ter conhecimento = conhecer) e Travassos; Machado Vieira (2019), no qual as autoras mostram a variação entre padrões com o verbo suporte DAR relacionados a elementos não verbais com afixos de grau (*dar uma caminhada, dar uma caminhadinha, dar uma caminhadela*).

É importante ressaltar aqui que os verbos suportes quando associados a um elemento nominal numa construção predicante complexa (predicadores complexos) perdem total ou parcialmente algo da denotação que primariamente lhes é associada. Trata-se de um processo de nova análise semântica (também chamado de dessemantização, a depender do enfoque teórico) que leva em conta os propósitos comunicativos dos falantes, ou seja, quando um indivíduo tem a necessidade de atender alguma demanda linguística. Nesse caso, por meio de processos analógicos de domínio cognitivo, o falante passa a empregar e propagar novo sentido conotativo a uma forma já existente na língua e essa sofre alteração funcional/semântica, que ainda pode ser alinhada à alteração formal (expansão de uso). No caso dos verbos, estes mantêm alguns de seus traços gerais, como a noção de evento, mas passam a posar de verbo instrumental/suporte no todo “verbo+não verbo”. A título de ilustração seguem exemplos com os verbos suportes FAZER e POSAR:

(Ex. 3) “Geisy Arruda ***se faz de burra*** em entrevista” [Fonte <http://wp.clicrbs.com.br> acesso em 10/10/2021]

(Ex. 4)



Fonte: <https://twitter.com> acesso em 13/10/2021

No exemplo (3), ainda que não se trate de um verbo pleno com sentido de produzir/construir, a construção¹ com o verbo suporte mantém a ideia de construção de algo, como a construção de uma imagem/aparência, ou seja, Geisy Arruda não é burra, mas quer assim parecer diante das câmeras. Em (4), *POSAR* não faz referência à posição do corpo, atitude ou postura. Figurativamente, observamos que se trata de assumir uma atitude ou caráter para iludir, impressionar, fingir. Embora não tenha referência ao corpo, movimento/gesto corpóreo, mantém a ideia de atitude, postura.

O que esses exemplos têm em comum além do uso das construções com os verbos suportes e de estarem disponíveis em diferentes gêneros virtuais? O fator contextualidade! Esses exemplos, assim como o *meme* em (1), evidenciam que um verbo/uma palavra pode apresentar diferentes funções a depender do contexto de uso, por isso, no ensino de língua materna, o fator contextualidade é de suma importância na produção do sentido das construções nos diferentes espaços em que estas estão inseridas (GOLDBERG, 2016). Para entendermos melhor, vamos observar os exemplos de (5) a (7):

(Ex. 5) “Para tirar a 2ª via da CTPS, você pode agendar pelo site do TEM (Ministério do Trabalho e Emprego).” [Fonte: www.serasa.com.br acesso em 10/10/2021]

(Ex. 6) “Confira dicas para tirar de letra a segunda fase dos vestibulares.” [Fonte: <https://noticias.r7.com> acesso em 10/10/2021]

1 A partir daqui iremos nos referir às perifrases também como construções por entendermos que se tratam de pareamentos esquemáticos convencionalizados entre *forma* (morfofossintática e lexical) e *função* (semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva) (GOLDBERG, 2006).

(Ex. 7) “Ele quis atingir vc mesmo cara, e depois **veio tirar de coitadinho**, com palavras bonitas para parecer o certo, como dito acima se o clube dele é uma bosta o blog só pode ser uma bosta também.” [Fonte: <http://globoesporte.globo.com> acesso em 10/10/2021]

Notamos que nos três exemplos há uso do verbo *TIRAR*. Contudo, apresenta diferentes significados: em (5), trata-se de um predicador pleno (transitivo direto) e refere-se à extração/retirada de algo (documento) que é emitido por uma instituição. Já nos exemplos (6) e (7), observamos que ocorre uma opacificação com relação ao significado primário de *TIRAR*, que já não se refere mais à retirada de algo. E a isso se soma sua união/combinacão com preposicão e elemento nominal, o que torna proeminentes outros usos! Com isso, o significado do todo não corresponde à soma do significado de cada constituinte (“tirar+de+letra”; “tirar+de+coitadinho”). Agora, estamos lidando com um verbo suporte: em (6), verificamos uma forma lexicalizada, normalmente, usada para expressar a realizacão de uma tarefa que não exige/requer muito esforço; e, em (7), notamos que a construçã com verbo suporte é empregada para indicar o fingimento acerca de um estado físico (por meio de crítica). Esses exemplos demonstram que, no ensino de língua materna, é imprescindível que todos os usos/exemplos/dados sempre venham contextualizados ao invés de serem frases soltas/deslocadas ou meramente inventadas para fins da exposicão didática descolada da realidade.

Se nos voltarmos para o ensino, percebemos que as perífrases com verbos suportes pouco são mencionadas e, quando o são, carecem de atividades que promovam reflexão que ultrapasse a ideia de expressã idiomática. Vamos dar uma olhada no exemplo (8):

(Ex. 8) “Novo Mundo: Jacira entra em desespero ao **dar de cara** com Piatã desmaiado” [Fonte: <https://natelinha-uol-com-br> acesso em 08/10/2021]

Livros didáticos, geralmente, adoram exercícios de substituiçã, por isso, é muito comum encontrarmos atividades que exijam apenas a troca de “dar de cara” por “encontrar com”. Não que isso seja de todo ruim, mas defendemos aqui que esse tipo de atividade precisa ser melhor contextualizada. Por que o verbo perde seu sentido primário de transferênciã? Encontramos outros contextos em que esse verbo pode desempenhar outras funções? O que é uma palavra polifuncional?² Além disso, não vale cultivar a ideia de que uma expressã analítica deve ser substituída por uma sintética,

2 Em funçã de sua alta produtividade, o verbo *dar* é um exemplo de palavra polifuncional, ou seja, a depender do contexto de uso em que está inserido, pode desempenhar mais de uma funçã, como: transferênciã (Kwai não deu o dinheiro por amigo convidado [Fonte: <https://www.reclameaqui.com.br/> acesso em 15/03/2022]); fingimento (Ele estava em Miami, tentou dar uma de João sem braço, como se diz na gíria, fugindo para Assunçã no Paraguai, mas terminou preso pela Polícia Federal no Aeroporto de Guarulhos. [Fonte: <https://politica.estadao.com.br/blogs/> acesso em 15/03/2022]); tipo de movimento (Kicker dos Steelers tentar dar “de letra” na bola e erra. [Fonte: <https://www.torcedores.com/noticias/> acesso em 15/03/2022]) etc.

algo que pode ficar subentendido, no imaginário coletivo, a partir de exercício de substituição.

Precisamos pensar na nossa língua materna para além de uma língua com um conjunto de normas e regras, como objeto de investigação científica (BASSO; PIRES DE OLIVEIRA, 2012) e, com isso, nos tornar cada vez mais ativos na construção do pensamento simbólico, uma vez que, “*o conhecimento tem que resultar de um processo de construção conduzido pelo próprio sujeito*” (FRANCHI, 2006, p. 41).

7.3 FAZER-SE DE CIENTISTA FAZ DIFERENÇA? A BALBÚRDIA NOS MOSTRA QUE SIM!

Quando falamos em construções com verbos suportes, é muito comum falantes associarem tais padrões a contextos orais em que não há muito monitoramento da fala. De fato, é possível ouvirmos essas perífrases no nosso dia a dia, pois estão presentes em diferentes esferas interacionais (conversas, filmes, programas de TV, rádio etc.). Neste exemplo oral observado em um dos programas do Domingão do Faustão durante uma entrevista a uma participante eliminada de Reality Show, a convidada, em certo momento, utiliza as formas *eu não ia dar uma de inteligente*, (*eu não ia dar uma de sabe tudo*, (*eu não ia dar*) *de intelectual* para expressar que durante sua participação no Reality Show não fingiu ser algo que não é:

(Ex. 9) PESSOA DA PLATEIA: Boa noite, Poly!

CONVIDADA: Boa noite! Tudo bem?

PESSOA DA PLATEIA: Você foi tachada dentro da casa como a loira burra

CONVIDADA: Ai meu Deus! Burra não! Esperta até demais. Quem foi que ganhou dois carros?!

FAUSTÃO: Aí, tá vendo. Olha aí. Olha aí. Em nome das loiras ela tá dando o jogo aí. Mas não foi você que falou, foi a galera de lá é isso?

PESSOA DA PLATEIA: Isso! O que que você tem a dar como resposta pra essas pessoas?

CONVIDADA: *Então, eu tenho pra falar é isso sabe. Eu não me considero burra de jeito nenhum. É só o meu português*

FAUSTÃO: *Aí ela dá pra quem ela quiser (a resposta). E também que ela já falou...*

CONVIDADA: *É o meu português assim que as vezes não é certo, não é correto, entendeu? Eu falo mesmo, eu sou brincalhona desse meu jeito. Não tentei em nenhum momento disfarçar o que eu sou aqui fora dentro de casa. E pra quê disfarçar? Uma hora ou outra quem tá sendo falso lá dentro as máscaras caem, né? Então **eu não ia dar uma de inteligente, uma de sabe tudo, de intelectual**, sendo que eu não sou assim. Eu fui eu mesma, Poliana, desse jeito falando errado e quem me chamar de burra que chame. Pra mim é indiferente. [Programa exibido em 30/03/2014, disponível em <https://globo-play.globo.com/> acesso em 09/10/2021]*

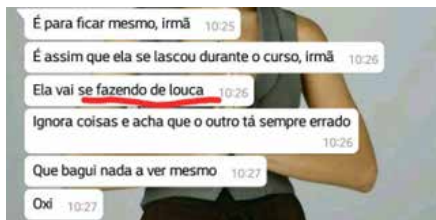
Outra característica que tende a ser associada a esses padrões diz respeito ao grau de formalidade da escrita, ou seja, construções com verbos suportes estariam menos propensas ao uso em gêneros textuais com maior grau de monitoramento da escrita. Será? Vamos analisar os exemplos a seguir:

(Ex. 10)

Um homem foi preso no bairro de Pituaçu, em Salvador, após tentar se passar por uma pessoa morta para sacar dinheiro de uma conta bancária. As informações foram divulgadas neste sábado (28) pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA).

Fonte: <https://g1.globo.com> acesso em 13/10/2021

(Ex. 11)



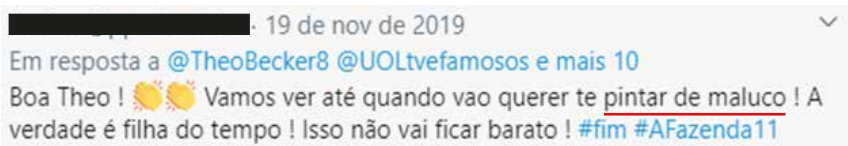
Fonte: conversa de WhatsApp

(Ex. 12)

Dirceu quer posar de coitado. Faz o discurso típico de quem acha que, por ter uma ideologia, por "estar do lado do bem", pode fazer tudo. E que, quando é pego fazendo o que não deve, grita que era por uma boa causa. Ou que estão lhe armando uma para que "a mídia" e sabe-se lá mais quem possam derrubá-lo e colocar de novo seus inimigos no poder. Não é assim. O STF é o órgão responsável pelo julgamento. Nem pode ser a mídia a julgar, como acusa Dirceu, nem podem ser os estudantes na rua.

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/> acesso em 15/03/2022

(Ex. 13)

Fonte: www.twitter.com.br acesso em 13/10/2021

Os exemplos de (10) a (13) revelam o quão produtivas são as perífrases com verbos suportes no domínio escrito, e mais, o quanto elas estão presentes nos variados espaços discursivos, pois vão desde aqueles que não requerem, necessariamente, alto grau de monitoramento da escrita por parte dos envolvidos no processo de interação (redes sociais) até portais de notícias e entretenimento, como o G1 e jornais online, como a Gazeta do Povo. Sendo assim, tais construções representam escolhas linguísticas, uma vez que correspondem a um mecanismo de domínio discursivo. Em (10) e (11),

observamos um fingimento físico e mental, respectivamente. Nos dados em (12) e (13), as construções com verbos suportes expressam modalizações discursivas, (isto é, qual(is) o(s) efeito(s) pretendemos causar no nosso interlocutor (real ou estimado)?), em que os padrões traduzem uma crítica e um apoio, respectivamente.

Quem nunca, num mesmo dia, usou uma linguagem mais descontraída para se comunicar com um amigo e/ou familiar e minutos, horas depois utilizou uma linguagem mais próxima do que é considerada padrão para resolver questões ligadas ao trabalho? Podemos denominar isso de *capacidade camaleoa*. Nós, seres comunicativos – seja por fala ou gestos – somos perfeitamente capazes de mudar nosso comportamento e atitude de acordo com as diversas circunstâncias a que somos expostos. Com a comunicação não é diferente. A depender dos diferentes espaços sociolinguísticos, temos a habilidade (in)consciente de acionar determinadas estruturas discursivo-pragmáticas. Essa *capacidade camaleoa* não é exclusiva de um domínio discursivo, ela se estende do mundo oral ao escrito.

Assim como os demais espaços da nossa vida, entendemos que o ensino, sobretudo o de Português, também precisa ser camaleônico e adaptar-se ao mundo atual. Com a popularização da internet e dos aparatos tecnológicos, somos expostos diariamente a uma gama de usos da nossa língua no meio virtual. Presenciamos a todo momento centenas de novos construtos/ inovações sendo compartilhados a partir de um *click*. Quem não se lembra, por exemplo, do quão rápido se popularizou nas redes sociais e se rotinizou entre os internautas/falantes o padrão *fazer a egípcia*, que muito conversa com os padrões deste capítulo? Para aqueles que por ventura desconhecem, *fazer a egípcia* é uma construção usada para designar coisas ou situações às quais não damos importância ou em relação às quais agimos com indiferença:

(Ex. 14)

Brasil "faz a egípcia" para acordo global de isenção tributária de eletrônicos

Fonte: <http://epoca.globo.com> acesso em 10/10/2021

A construção que, originalmente, tomou forma nas redes sociais passa a ser utilizada em outros domínios discursivos. Portanto, por que não trazer esses dados atuais para o ensino? Muitas vezes o desinteresse está ligado à carência de procedimentos diversificados em explorar dados que condizem justamente com a nossa realidade. Acreditamos que, a partir do conhecimento sobre informações (virtuais) as quais estamos habituados, em consonância com uma reflexão maior sobre os diversos usos, fica mais fácil adquirir a parte metalinguística da nossa língua.

7.4 PARA NÃO FAZER A EGÍPCIA!

O que é essencial não esquecer tendo em vista tudo que já vimos até aqui? Tentamos, a partir de algumas indagações, propor meios que viabilizassem um olhar mais envolvente e encantador perante o Português. Para isso, dispomo-nos a analisar diversos padrões de construções com verbo suporte de diferentes domínios discursivos e textuais, dentre eles, idiomatismos (*dar de mão beijada*, *fazer de olhos fechados*), construções que conceptualizam cenas de fingimento (*passar(se) por doid(o/a)*) e até formas que expressam modalização discursiva. Vimos também que pouco tratamento é dado a essas perífrases nas GTs, mas que, em contrapartida, a literatura acadêmico-científica muito tem contribuído para o estudo de tais estruturas.

Outro ponto importante diz respeito ao pouco ou a falta de tratamento de tais construções por parte de livros didáticos. Além disso, as atividades que envolvem o estudo dessas perífrases promovem pouca reflexão sobre o uso/funcionamento. Por fim, mostramos como a função de uma forma pode se atualizar a depender do seu contexto de uso, fator de suma importância.

7.5 PARA SE FAMILIARIZAR!

Como dito anteriormente, nosso intuito é discutir meios que orientem sempre ao caminho da reflexão e, por isso, pensamos em duas atividades epilinguísticas (realizadas inconscientemente pelo falante). Diferentemente daquelas denominadas metalinguísticas, estas não são marcadas pela sistematização de nomenclatura, sequências de repetição ou substituição, já que são atividades que induzem o falante/estudante ao pensamento crítico acerca dos diferentes usos da sua língua materna.³ Pensamos em 6(seis) etapas:

1ª)Etapa: Pedir que cada estudante elabore 3(três) frases, sendo obrigatório o uso dos verbos *FAZER* ou *PAGAR* em todas elas.

2ª)Etapa: Solicitar que alguns compartilhem suas frases oralmente com os demais.

3ª)Etapa: Apresentar a imagem (1) junto com as perguntas (a) e (b):

(1)



Eu tenho dois talentos na
vida: um é se fazer de sonsa
e o outro é pagar de doida.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/805651820831200636/> acesso em 13/10/2021

3 Cabe ressaltar aqui que de modo algum buscamos através desse capítulo defender lados políticos e que cada exemplo foi pensado/escolhido a partir das construções com verbo suporte.

a) Em alguma das suas frases você empregou o verbo de forma semelhante às duas destacadas no *tweet* abaixo? Se sim, qual?

b) A partir da leitura do *tweet*, você diria que as duas perífrases carregam o mesmo sentido? Sim/Não? Justifique sua resposta.

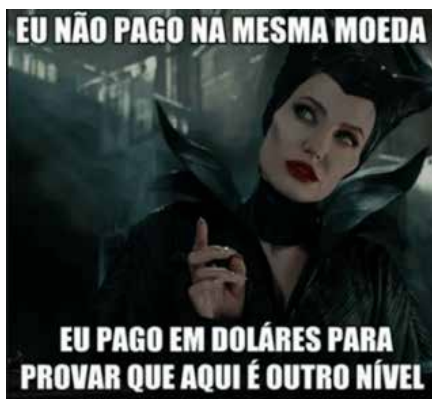
4ª) Etapa: Apresentar as imagens (2) e (3) conjuntamente com a pergunta (c):

(2)



Fonte: <https://images.app.goo.gl/Ujyy8NApsQiMUzqs6> acesso em 13/10/2021

(3)



Fonte: <https://me.me/i/eunaopago-na-mesma-moeda-eu-pagoem-dolares-para-provar-que-9455926> acesso em 13/10/2021

c) A partir do seu conhecimento e com base na leitura do *tweet* e dos memes, você diria que os três apresentam o mesmo uso do verbo *pagar*? Sim/Não? Justifique sua resposta.

5ª) Etapa: Solicitar que leiam os textos (4), (5) e (6) e, oralmente, debatam sobre o que esses textos apresentam em comum:⁴

4 Observe que apesar da temática, esperamos que os estudantes reconheçam as construções posando de coitado, dar uma de coitadinho e se passar por coitado.

(4)

Lula é preso comum e deveria estar num presídio comum.

Quando o parente de outro preso morrer ele também será escoltado pela PF para o enterro? Absurdo até se cogitar isso, só deixa o larápio em voga posando de coitado.

Fonte: www.twitter.com.br acesso em 10/10/2020

(5)

“Lula é preso comum e que dar uma de coitadinho, e outros presos como ficam”, disse Eduardo Bolsonaro

Fonte: <https://chumbogrossomanaus.com.br> acesso em 10/10/2020

(6)

No ponto de vista do parlamentar seria uma situação absurda até mesmo cogitar esta possibilidade, disse Eduardo Bolsonaro em seu comentário pelo Twitter. Ele ainda usa o termo "larápio" ao se referir ao ex-presidente e diz que Lula estaria querendo se passar por "coitado".

Fonte: <https://br.blastingnews.com> acesso em 10/10/2020

Após a exposição e debate dos textos, fazer os seguintes questionamentos:

- a) Por que os interlocutores dos textos utilizaram essas formas?
- b) Você percebe alguma diferença entre elas? E semelhança?⁵

5 Entendemos que essas construções não sejam sinônimas, uma vez que existam contextos probabilísticos em que uma seja mais acionada do que outra, contudo, vemos que nesse contexto específico, essas três construções apresentam similaridade quanto à função empregada.

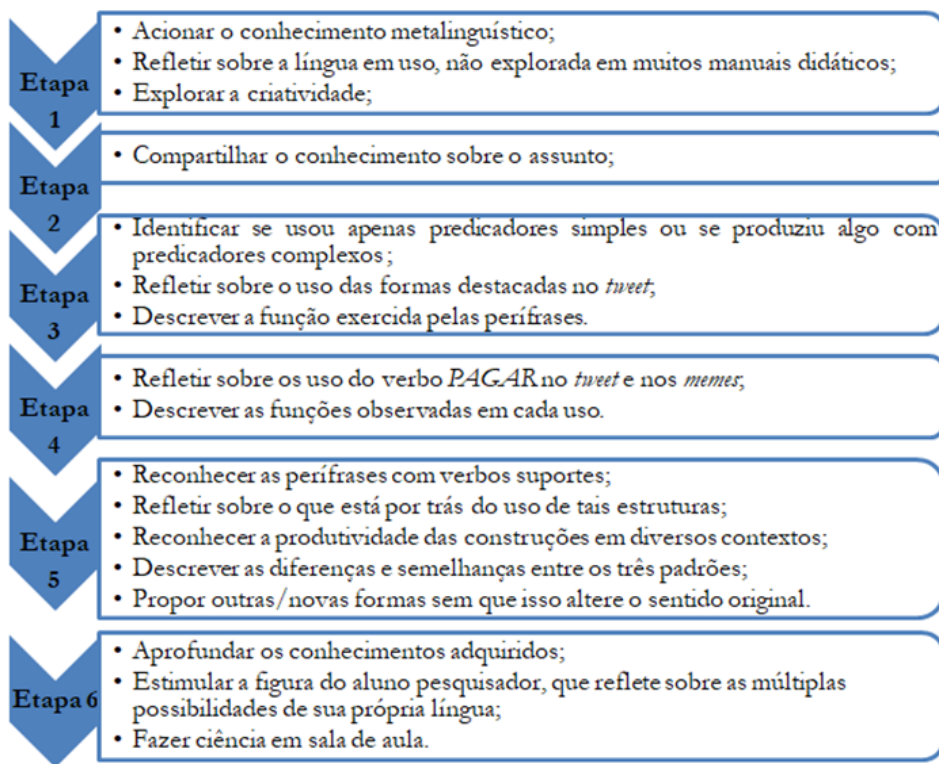
c) É possível usarmos mais/outras formas mantendo o mesmo sentido? Sim/Não? Qual(is)?

6ª Etapa: Solicitar que os alunos pesquisem, em casa, em textos de diferentes domínios discursivos socioculturais, ocorrências dos predicadores aqui focalizados e reúnam textos com tais ocorrências para que possam ser exploradas em sala de aula, tendo em vista algumas perguntas:

- a) Que verbos foram mobilizados?
- b) Como esses verbos contribuem para a significação de aparência das expressões?
- c) Quais funções se observam na comparação entre os dados em jogo?

As cinco primeiras etapas são rápidas, práticas e simples, por isso, é possível concluir tudo numa aula só. A última é uma sugestão de aprofundamento do conteúdo. As atividades induzem o estudante a duas práticas importantes: a primeira delas diz respeito à reflexão, uma vez que se faz imprescindível refletir sobre os diferentes usos da nossa língua nos diversos espaços sociais; e a escrita – que não devemos nunca parar de cultivar – como reflexo da primeira prática. Reflexão e escrita devem caminhar sempre juntas nesse processo de ensino-aprendizagem de língua materna. Pensando nisso, encerramos este capítulo com os objetivos de cada etapa:⁶

Diagrama 1: Objetivos para o estudante atuante de cada etapa.



6 Todos os objetivos têm como sujeito atuante o estudante.

7.6 QUERO MAIS! PARA NÃO FAZER-SE DE ENTENDIDO, MAS SER!

- BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado. *Matraga* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 30, p.13-40, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2013.
- FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo “gramática”?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Compositionality*. In N. Riemer (ed.) *Semantics Handbook*. Routledge. 2016.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Perífrases verbo-nominais. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, p. 409-430.
- PENHA, J. N. da. *Construções com verbos suportes: uma análise socioconstrucionista*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 177 f., 2021.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 53 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.
- TRAVASSOS, P. F.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Uma análise construcionista da variação entre construções com verbo-suporte DAR no PB. *REVISTA SOLETRAS*, v. 1, p. 272-298, 2019.